

FILOSOFIA E TEOLOGIA NA IDADE MÉDIA

Philosophy and Theology in the Middle Ages

Urbano Zilles*

Resumo

Neste artigo, o autor examina a origem e a paulatina cristianização do conceito grego de teologia; a recepção crítica da filosofia pelo cristianismo; a distinção e a relação entre ambos os saberes na Patrística e na Idade Média.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia. Filosofia. Ciência. Sabedoria. Patrística. Idade Média.

Abstract

In this article the author investigates the origin and the slow christianization of the greek concept of theology, the critic reception of philosophy by the christianity, the distinction and the relation between both kinds of knowledges in patristics and in Middle Age.

KEYWORDS: *Theology. Philosophy. Science. Wisdom. Patristics. Middle Age.*

A compreensão de filosofia e teologia e a relação entre ambas não é unanimidade na patrística e na Idade Média, pois trata-se de dois conceitos que, historicamente, têm sua origem na filosofia grega. A cristianização do conceito de *teologia* levou séculos. No cristianismo, encontram-se posições em relação à filosofia que vão desde a rejeição total até a apropriação, colocando-a, simplesmente, a serviço da fé cristã. Portanto, encontramos-nos diante de um problema complexo de séculos

* Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nsa. Sra. da Imaculada Conceição e Teologia pela Theologische Hochschule Beuron. Obteve doutorado em Teologia pela Universität Münster. Atualmente é professor de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

de história do pensamento filosófico e do pensamento cristão, que não será fácil descrever detalhadamente numa breve exposição, pois somos obrigados a fazer escolhas.

Em nossa exposição, procederemos nos seguintes passos: 1) Origem e cristianização do conceito de teologia. 2) A recepção da filosofia pelo cristianismo. 3) A relação entre filosofia e teologia na Idade Média.

1 Origem e cristianização do conceito de teologia

O termo *teologia*, que significa discurso sobre Deus, não é criação bíblica nem cristã. Desde a Antiguidade grega, foi usado com o triplice significado: a) *mitológico*, como discurso mítico, no qual se fala dos deuses; b) *filosófico-cosmológico*, pois a partir de Aristóteles passou a ser usado como equivalente à “filosofia primeira” ou metafísica; c) *cultural público*, no sentido do que se diz dos deuses no culto oficial. Por causa dessa origem pagã do termo, os primeiros cristãos evitavam seu uso. Passou a ser adotado por Justino, Clemente e Orígenes, entre outros, tornando-se de uso corrente a partir do século IV para designar a doutrina sobre Deus uno e trino. Na Idade Média, passou a ter o significado de explicação racional da revelação divina.¹

Entre os pré-socráticos, já surgiu um distanciamento da teologia mitológico-religiosa, voltando-se para uma teologia racional-filosófica. Xenófanes (século VI, a.C.) critica, duramente, o antropomorfismo da concepção de Deus.² Em grandes linhas, podemos dizer que os pré-socráticos substituem o deus mítico pelo “deus dos filósofos” que é eterno, imutável e rege o mundo transcendente na imanência, como ser racional e espiritual. Platão (428-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) distanciam-se dos mitos da religião grega e dos poetas para inaugurar um enfoque verdadeiramente racional na questão de Deus. Para Platão, a teologia é o discurso filosófico, purificado dos elementos míticos, sobre Deus.³ Aristóteles cita a *filosofia teológica* como filosofia primeira, entre

¹ Os estoicos já faziam uma distinção entre teologia mítica, política e natural (TERTULIANO, *Nat.* II, 1,2; AGOSTINHO, *De civ. Dei*, VI, 5-10.

² Xenófanes critica a concepção antropomórfica dos deuses de Homero, Hesíodo e da religião tradicional por atribuir a eles forma, sentimentos e paixões iguais aos homens, com diferenças apenas quantitativas.

³ *A república*. 5. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1987, p. 91. Platão usa o termo *teologia* em *A república* (379a), numa passagem, falando do uso pedagógico da mitologia.

as três ciências teóricas, ao lado da matemática e da física. Segundo ele, trata da causa primeira, do motor imóvel que tudo move sem ser movido e dos primeiros princípios não empíricos do ser e do pensamento.⁴ Mas, essa concepção de teologia cedo também encontrou objeções críticas por parte do ceticismo, sobretudo contra as provas da existência de Deus (deuses) e de seus atributos. Os epicureus rejeitam a teologia por razões pragmáticas e morais, pois veem nela o perigo do medo diante dos deuses, o qual conduz a uma vida inquieta e insegura, dificultando a *ataraxia* e a *autarquia*. A origem grega da palavra teologia pesa sobre seu destino histórico até hoje. Tanto a palavra quanto o conceito são, pois, uma criação típica do gênio filosófico grego em sua reflexão sobre o princípio último (*arché*) de todas as coisas, através do *logos*. A sua associação com a mitologia pagã explica a reserva inicial do cristianismo de apropriar-se do termo.

O cristianismo, baseando-se em São Paulo e em São João, primeiro tende a rejeitar e depois desenvolve, com os meios da própria filosofia grega, uma apologética (século II). Orígenes, invocando o cânon dos livros sagrados,⁵ entretanto já fixado, coloca os fundamentos de uma teologia cristã autônoma, indicando, como base de legitimação, a Escritura, a doutrina da Igreja e a razão. Foi, pois, entre os padres gregos, com Orígenes e Eusébio de Cesareia,⁶ que a palavra teologia passou a designar o discurso sobre o Deus de Jesus Cristo. Para Eusébio, os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento são os verdadeiros teólogos. Clemente e Orígenes, pensadores da Escola de Alexandria, referem-se aos “antigos teólogos dos gregos” e aos “teólogos dos persas”, mas reclamam o título de “verdadeira teologia” para o discurso cristão. Para Clemente, Orfeu é teólogo, mas Moisés também.⁷ Com o historiador Eusébio de Cesareia (263-339),⁸ surge a teologia eclesiástica, sem associação com a religiosidade pagã. A palavra adquire sua acepção clássica na obra de Dionísio Areopagita (século V-VI), que

⁴ ARISTÓTELES. *Metafísica* I, 983b 29. Em *Metafísica* V, 1026 a 19 e X, 1064b 3 fala da “filosofia teológica” para designar a mais alta das três ciências teóricas.

⁵ *Cânon* (grego) significa regra, norma. O cânon das Escrituras é o catálogo dos livros reconhecidos pela Igreja como regra de sua fé.

⁶ Eusébio de Cesareia (263-339) escreveu três livros *Sobre a teologia da Igreja* para expor a verdadeira doutrina do Logos. Ele tornou-se célebre por sua *História Eclesiástica* (São Paulo: Paulus, 2000).

⁷ *Stromata*, V, 78,4.

⁸ Eusébio de Cesareia é considerado o Pai da História Eclesiástica, em vista de seus escritos de caráter histórico.

distingue entre teologia apofática (negativa), catafática (afirmativa) e mística. Santo Agostinho (354-431) ainda prefere falar de “doutrina cristã” para referir-se ao conjunto dos mistérios cristãos, pois o uso do termo teologia, no Ocidente, demorou mais para ser introduzido. Os latinos preferiam outros termos como *doctrina sacra*, *sacra scriptura*, *sacra pagina*, etc. A teologia nasce no interior da fé. Por sua própria natureza, a fé aspira a ver, a compreender.

No período do século IV ao VII, os padres assumiram as ideias fundamentais de Platão, do neoplatonismo, do estoicismo e da gnose, enquanto não contradizem a revelação. Assim, desenvolveu-se a doutrina da graça (Agostinho), da Trindade e da Cristologia. Depois de um longo intervalo de silêncio, Anselmo de Cantuária (1033-1109), a Escola de São Victor e Pedro Abelardo (1079-1142) desenvolveram uma teologia crítica da Igreja e da fé. Pedro Lombardo (1100-1160) reuniu seus resultados no *Comentário das Sentenças*, que se tornou o manual de teologia dogmática até a alta escolástica. A teologia chega a um ponto alto com os franciscanos Boaventura (1217-1274) e J. Duns Scotus (1266-1308) e com o aristotelismo assumido pelos dominicanos Alberto Magno (1193-1280) e Tomás de Aquino (1224-1274).

Na patrística, a catequese em preparação à iniciação cristã exigia que se interpretassem e comentassem os textos canônicos (como testemunhos normativos) às pessoas ainda não iniciadas na fé cristã. Por isso, cedo surgiu a questão dos sentidos da Escritura.⁹ E quando pagãos atacam o cristianismo, os padres saem em sua defesa (apologética). Defendem sua moralidade e, a partir de Justino, teólogo leigo, também sua racionalidade passa a ocupar, cada vez mais, um lugar central, como já é o caso do *Contra Celso*, de Orígenes (185-253). A teologia atribui-se a função de defender a coerência e a credibilidade do cristianismo perante as razões religiosas e filosóficas do paganismo. Para isso, a fé cristã é traduzida para dentro da cultura e linguagem filosóficas do helenismo.

A exegese e a catequese expressam-se em linguagem, elaborando conceitos, buscando as razões do cristianismo, como exigências internas da própria fé. Passa a distinguir-se entre fé e conhecimento (*gnosis*), entre sabedoria e conhecimento, para responder às exigências intelectuais do

⁹ Orígenes, um dos teólogos mais criativos e audazes e, com Agostinho, o mais influente na Igreja antiga, distinguia um sentido tríplice na Sagrada Escritura: a) o literal ou histórico; b) o psíquico ou moral; c) o pneumático ou espiritual ou alegórico-místico. Este último aplica-se aos mistérios, à Igreja e à sua história, ao mundo futuro e ao Céu.

próprio crente. Assim, aos poucos, a teologia se organiza como esforço da inteligência especulativa. Dependendo das fontes escriturísticas, tratadas pela exegese, surge uma nova organização, uma nova armadura intelectual (a teologia), em busca de uma autocompreensão especulativa da fé, forjando uma linguagem oficial da Igreja. Desse modo, ao introduzir termos não bíblicos (*consustancial*) na profissão de fé pública, o Concílio de Niceia (325) já provou que o trabalho teológico é importante na Igreja.

Tornou-se clássica a formulação condensada de Santo Anselmo de Cantuária com a qual quis intitular a obra que, mais tarde, chamaria *Proslogion: fides quaerens intellectum*. Anselmo propõe-se a tarefa de “crer para compreender” e “compreender para amar”.¹⁰ Segundo essa definição, a teologia vive do esforço do crente por pensar e exprimir a própria fé, com todos os recursos da razão. Segundo Anselmo, é a fé que procura, é a fé que busca a inteligência. A fé é o ponto de partida da pesquisa filosófica na teologia. Para os medievais, a teologia é, pois, a interpretação racional da revelação de Deus, aceita na fé. Quem crê, ou seja, aceita a revelação de Deus, é um ser racional e, por isso, a fé já implica atividade racional e o crente naturalmente procura compreender e penetrar o significado da palavra divina. Esse *intellectus fidei*, na sua modalidade mais elaborada, é a teologia. A ligação da teologia à fé e à revelação divina distingue-a de qualquer filosofia e ciência da religião. Ela emerge do “mundo da fé”, embora este seja mais amplo e mais rico que o “mundo da teologia”. A teologia não dispensa nem supera a fé e, muito menos, elimina os mistérios. A ciência da religião reflete sobre o fenômeno cultural da religião em geral ou duma religião particular, sem ter, necessariamente, um compromisso com a fé.

O ponto de partida da teologia cristã é a revelação que Deus fez de si mesmo, ao longo da história de Israel, história que culmina em Jesus Cristo, a palavra feita carne.¹¹ A revelação judaico-cristã tem a característica específica de ser, ao mesmo tempo e de maneira inseparável, palavra e história. Deus não se limita a escrever um livro, pois também se manifesta nos acontecimentos da história. Por isso, equivocam-se aqueles que consideram a revelação um simples “corpo

¹⁰ *Proslogion* 1. Diz Anselmo: “Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender. Efetivamente creio, porque se não crese, não conseguiria compreender”.

¹¹ *Jo* 1,14. São João diz: “E o Verbo se fez carne e armou tenda entre nós; vimos a sua glória, a glória de Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade”.

de verdades doutrinárias”, pois ela é, antes de tudo, a “automanifestação” de Deus, na história da salvação, que se consuma em Jesus Cristo. Ora, a revelação, enquanto Palavra de Deus na palavra humana, é inseparável de um testemunho humano e, portanto, não há revelação sem teologia. A linguagem da revelação já é um meio interpretativo, baseado no diálogo vivo de Deus com o homem.

Por outro lado, a teologia não é apenas uma exigência da revelação, mas já se encontra, potencialmente, na fé de todo o crente. A fé, como resposta à Palavra de Deus, é também conhecimento, de acordo com as exigências próprias de um espírito humano, historicamente condicionado. A fé busca uma compreensão sempre mais completa da Palavra de Deus. Todo crente que reflete sobre sua fé, em função da cultura de uma época, já é um teólogo, ao menos em sentido amplo.

A teologia, certamente, não é ciência no sentido moderno. Entretanto, não se lhe pode negar certa categoria científica, sobretudo quando se trata de disciplinas como exegese, história das doutrinas e das instituições, história eclesial, etc. Também a teologia especulativa, que pretende mostrar a lógica interna da fé e proporcionar uma compreensão mais perfeita dos mistérios cristãos, utiliza todos os recursos da razão filosófica. Quando Tomás de Aquino e muitos outros medievais afirmam o caráter científico da teologia,¹² este tem um significado histórico mais restrito, resultante da aplicação do conceito aristotélico de ciência,¹³ o que encerra o risco, evitado pelo Aquinate mas não por muitos de seus seguidores, de reduzir a teologia a uma teologia de conclusões. A teologia é elaborada pela razão do crente – *credo ut intelligam*,¹⁴

¹² S.Th. q.1, a.1, ad 2 e In Boet. de Trin. q.2 a 2. Diz Tomás de Aquino: “Nas disciplinas filosóficas se trata de todos os entes, e mesmo de Deus; eis porque uma parte da filosofia é chamada de *teologia*, ou ciência divina, como mostra o Filósofo no livro VI da *Metafísica*”. Está claro que Santo Tomás aqui entende o termo técnico *teologia* no sentido em que Aristóteles o usou. Mas responde: “(...) era necessário para a salvação do homem, além das disciplinas filosóficas, que são pesquisadas pela razão humana, uma doutrina fundada na revelação divina. (...) Portanto, além das disciplinas filosóficas, era necessária uma doutrina sagrada, tida por revelação”.

¹³ Segundo Aristóteles, a ciência consiste no conhecimento da essência universal e de suas causas. Tal conhecimento estabelece relações lógicas, em forma de demonstração, por dedução e conclusões lógicas, baseadas nos princípios do ser e do pensamento. As causas primeiras não podem ser demonstradas, mas são evidentes: *principia intelligibilia per se nota*. Princípios e conclusões constituem a armadura desse conceito de ciência.

¹⁴ SANTO ANSELMO, *Proslogion*. 1. Santo Anselmo construiu uma síntese na qual filosofia, teologia e espiritualidade se conjugam, harmonicamente, na construção da sabedoria cristã, concedendo estatuto racional às verdades da fé.

pois o teólogo é um crente que reflete, criticamente, sobre sua fé.

A teologia é o esforço humano por compreender melhor a Revelação, que é histórica e é transmitida pela Igreja em atos históricos. Ela realiza-se em sucessão histórica, implicando sempre, e essencialmente, um momento transcendental. Ela compromete o testemunho de seu autor enquanto se apresenta como apelo e tarefa, e não simplesmente como doutrina a conhecer.

O fechamento da escola filosófica de Atenas, em 529, por Justiniano, tem apenas um valor simbólico, pois chegou a era, na qual, no mundo cristão, reinará a teologia. Dessarte, a teoria desse reinado é anterior à Idade Média dentro dos limites do mundo cristão. Isso não significa que o discurso medieval se reduza à teologia, pois cultivam-se outros saberes como medicina e direito, mas no edifício do conhecimento reconheceu-se um lugar privilegiado a ela. Com o esforço de Alcuíno, sob Carlos Magno, ao tentar universalizar a alfabetização, criaram-se as escolas abaciais, catedralícias e cortesãs, passando a definir-se a teologia pelo lugar que ocupou nas instituições encarregadas de transmitir o saber. Ao criar-se, no século XIII, a Faculdade de Teologia nas recém-fundadas universidades, a teologia torna-se assunto para professores e alunos.

Ora, no Ocidente, esse processo foi marcado profundamente pela recepção de Aristóteles. Este ofereceu, primeiramente, à teologia o *corpus lógico*. Isso permitiu defini-la como discurso rigoroso. Sob influência do *Organon* de Aristóteles, pratica-se a teologia dentro dos cânones da dialética (Pedro Abelardo). Com isso instaura-se uma racionalidade, pois o *logos* da teologia vincula-se diretamente ao *logos* filosófico. Usa-se, na teologia, a lógica filosófica como instrumento necessário para os raciocínios, dando-lhes rigor. Esse rigor expressa-se na linguagem, adotando a *quaestio* como ferramenta da argumentação teológica, um argumento que não é o da simples autoridade patristica. A alta Idade Média não negligenciou os estudos bíblicos, mas usou a interpretação bíblica como base para o trabalho especulativo da *quaestio*.¹⁵ A partir daí, passa a definir-se a teologia como ciência, no modo aristotélico das “ciências subalternas”.

¹⁵ A *quaestio* surgiu a partir da *lectio* e deu origem à *quaestio disputata medieval*, que deve muito à introdução no Ocidente do *Organon* aristotélico. As disputas ordinárias constituíam um complemento prático, do ensino ouvido, antes da *lectio* magistral, ponderando os argumentos contra e a favor.

A prática medieval da teologia não tinha unanimidade sobre a natureza desse saber. Tomás de Aquino, dentro da visão aristotélica, trata-a como ciência.¹⁶ Segundo ele, fé e razão relacionam-se como graça e natureza.¹⁷ A revelação transcende a razão, sem contradizê-la. São Boaventura prefere vê-la como sabedoria. Para Tomás e seus seguidores, é um conhecimento teórico de Deus e para os franciscanos um saber prático, voltado para a caridade. Essa diversidade de escolas, na organização do saber teológico medieval, recebeu o nome genérico de Escolástica. Essa teologia foi construída para satisfazer as exigências da “fé em busca de inteligência”. Com isso, tornou-se uma teologia para intelectuais, distanciando-se da pregação e da pastoral, ou seja, da experiência de Deus no cotidiano. Enquanto os Padres escreviam obras teológicas, a partir da experiência espiritual concreta, com o objetivo de dar matéria para instruir, conduzir e corrigir seu rebanho, pois antes de tudo eram pastores, os mestres medievais elaboram sua teologia em laboratórios universitários para organizar belos sistemas intelectuais. A teologia doutrinária intelectualista, na decadência da Idade Média, distanciou-se da experiência da vida de fé e das fontes bíblicas, criando as condições para a divisão da Igreja, no Ocidente, pela Reforma e Contrarreforma, no século XVI.¹⁸

Resumindo, podemos dizer que na patrística e na primeira idade da escolástica ainda é difícil encontrar uma delimitação exata da teologia. Mas colocam-se os fundamentos para um saber racional da Revelação, testemunhada na Bíblia, à luz da fé, para uma melhor compreensão da mesma.

2 A recepção da filosofia pelo cristianismo

A busca do *intellectus fidei* implica o pensar filosófico e, hoje, também inclui a racionalidade crítica das ciências. Historicamente, a filosofia desempenha, pois, uma função hermenêutica e maiêutica na

¹⁶ O sentido que a palavra *ciência* tem para Tomás de Aquino é muito diferente daquele que hoje é corrente. A teologia, para ele, é uma ciência subalterna porque procede de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior, ou seja, da ciência de Deus (revelação e fé). Cf. FRIES, H. Teologia. In: *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1971, v. 5, p. 297-311.

¹⁷ *S. th.* I, 1, 8 ad 2.

¹⁸ LACOSTE, Jean-Yves. Teologia. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico da Teologia*. São Paulo: Loyola-Paulinas, 2004, p. 1707-1716.

teologia. O problema que hoje se faz sentir mais, na prática da Igreja católica, é que a teologia sempre se desenvolveu vinculada à filosofia grega. Desde a modernidade, falta-lhe a competência para um diálogo aberto com as novas filosofias e, sobretudo, com as ciências.

Uma tradição atribui a Pitágoras, entre os gregos, a criação da palavra *filósofo*. Ao contrário dos sofistas, segundo Tomás de Aquino, Pitágoras não tinha a pretensão de ser chamado sábio. Chamou-se de “amigo da sabedoria”, ou seja, *filósofo*.¹⁹ A filosofia, admitindo a colocação do Aquinate, seria, então, o estudo da sabedoria. Em Tomás renasce Aristóteles, mas com vida nova e profundamente transformado.

Os escritos paulinos desqualificam a filosofia como busca de sabedoria, opondo-lhe a loucura da cruz. Paulo afirma que o *logos* próprio do cristianismo contradiz a racionalidade pagã.²⁰ A causa de Deus é o *logos* crucificado. Desde Paulo há, por um lado, uma tendência, entre os cristãos, no sentido de rejeitar a filosofia como mera sabedoria humana;²¹ por outro, desde os apologetas²² do século II, outra tendência a vê numa relação positiva com o cristianismo. Os últimos percebem a doutrina filosófica sobre Deus e a ética da época como aparentada com a doutrina cristã. Essa abertura para a filosofia chega ao auge na Escola de Alexandria. Assim a exclusão recíproca entre cristianismo e filosofia, no início do cristianismo, não se consegue manter por muito tempo. Os cristãos têm uma mensagem a transmitir aos que ainda não são cristãos. Para isso os padres perceberam a necessidade de existir uma comunidade de linguagem entre cristãos e pagãos. Logo os evangelizadores tomaram consciência de que, no mundo pagão, não havia apenas idolatria, mas também um verdadeiro desejo de Deus, “sementes de verdade”. Justino de Roma (100-165), natural da Palestina, no *Diálogo com o judeu Trifão*, afirma que, “de fato, a filosofia é o maior e o mais precioso bem diante de Deus, para o qual somente ela nos conduz e nos associa. Na verdade, santos são aqueles que consagram à filosofia a própria

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. In *I Met*, lect. 3.

²⁰ *I Cor* 3,19. Diz Paulo: “Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus”.

²¹ Os termos *philosophia* e *philosophos* somente ocorrem duas vezes no Novo Testamento (*Col* 2,7; *At* 17,18).

²² Os apologetas são escritores cristãos dos séculos II-V que se propõem uma tríplice tarefa: a) defender o cristianismo contra as acusações do povo e os questionamentos dos filósofos; b) refutar a idolatria e o politeísmo, afirmando um Deus único, revelado em Jesus Cristo; c) apresentar a fé cristã numa linguagem acessível ao público culto.

inteligência”.²³ Converteu-se ao cristianismo: “Reconhecei que ele é a única filosofia segura e proveitosa”. Clemente de Alexandria chegou a conceder à filosofia grega o estatuto de uma aliança.²⁴ A teologia busca palavras e razões na filosofia. A filosofia grega passou a ser vista como um rebento da sabedoria. Enfim, tudo isso porque sobre um fundo de racionalidade comum, é possível o diálogo entre o filósofo e o teólogo, definindo-se o último por sua maior sabedoria. Por isso o cristianismo passou a reivindicar o estatuto de apresentar “a verdadeira sabedoria” e a “verdadeira filosofia”. Num período de quatro séculos, houve, pois, uma mudança tão profunda, por parte dos cristãos, que a teologia passa a compreender-se como guardiã e juíza da racionalidade. São João Crisóstomo (347-407) já fala de “filosofia cristã”.²⁵ O cristianismo sente-se tão herdeiro da filosofia grega que o imperador Justiniano, em 529, pôde fechar a escola de filosofia de Atenas. Clemente de Alexandria fala “da filosofia tirada da divina Escritura”.²⁶ A teologia, por assim dizer, apoderou-se da filosofia.

Como a filosofia, para os antigos gregos, era, antes de tudo, uma forma de bem viver; para os cristãos, a mensagem de Jesus Cristo era uma forma de vida, e menos uma doutrina. Na Idade Média, os mosteiros ainda eram tidos por “escolas de filosofia cristã”;²⁷ o monge, “verdadeiro filósofo de Cristo”²⁸ e a experiência monástica, a “verdadeira filosofia”.²⁹

A atitude do cristianismo em relação à filosofia, inicialmente, era ambígua. Desde São Paulo, não faltam aqueles que são hostis a ela. A filosofia reivindica para si interpretar o mundo e apresentar uma forma de vida. Com isso torna-se concorrente do cristianismo e, por vezes, é igualada ao culto pagão, ou seja, é considerada uma invenção do diabo. Na Idade Média, Pedro Damiano (1007-1072) ainda afirma, contra os dialéticos, que “Deus não precisa de nossa gramática para converter

²³ JUSTINO. *Diálogo com Trifão*, 2,1. Mais adiante, em 8,1, diz: “Contudo, senti imediatamente que se acendia um fogo em minha alma e se apoderava de mim o amor pelos profetas e por aqueles homens amigos de Cristo. [...] Cheguei à conclusão de que somente essa é a filosofia segura e proveitosa”.

²⁴ *Stromata*, VI, 8,67.

²⁵ PG 48, 956. João Crisóstomo não foi um grande teólogo especulativo, mas foi um modelo de teólogo pastoral. Grande conhecedor da Bíblia, tornou-se célebre por sua extraordinária eloquência (Crisóstomo: boca de ouro).

²⁶ *Stromata*, VI, 17,149.

²⁷ PL 185,101B.

²⁸ PEDRO DAMIÃO, PL 145,251C.

²⁹ BERNARDO DE CLARAVAL, PL 183,206.

os homens, pois, no começo de nossa redenção, não enviou filósofos e oradores para difundir as sementes da nova fé, mas pescadores simples e rudes”.³⁰ Por vezes, esta hostilidade pode ser motivada pela hostilidade à cultura grega.

Os argumentos principais apresentados contra a filosofia, em síntese: 1) trata de picuinhas, formalismo, doutrina inútil para a vida; 2) a discórdia sem fim entre as diferentes escolas de filosofia; 3) objeções morais: contradição entre doutrina e vida; 4) a filosofia como fonte de heresias, coisa já mencionada por Paulo³¹ e desde Irineu de Lião, referindo-se aos gnósticos, tornou-se um topos clássico para os que rejeitam a filosofia; 5) a limitação da filosofia a uma elite, enquanto o cristianismo se dirige a todos; 6) textos filosóficos isolados, por exemplo, a ética dos epicureus,³² a doutrina materialista de Deus dos epicureus e dos estoicos³³ e a negação de uma providência individual.

Por outro lado, os apologetas, que se apoiaram na filosofia, contavam com um elemento exterior, pois dirigiam-se aos imperadores filósofos, postulando sua visão, objetividade e isenção passional. Para isso são obrigados a falar num horizonte filosófico da linguagem. Colocaram-se na situação histórica concreta. Depois que, no século I, a filosofia exerceu um papel não conformista, como lugar de liberdade e consciência contra a tirania, foi perseguida politicamente, mas desde Adriano (117-138) passou a ser fomentada. Talvez o imperador Antoninus Pius (138-161) não estivesse tão preparado quanto seu sucessor Marco Aurélio (162-180), “o filósofo no trono do imperador”, a quem Justino provavelmente endereçou sua apologia. Justino esperava reconhecimento de suas premissas, junto à corte, num período em que a filosofia era o “terceiro poder” na tensão de forças entre reivindicação religiosa e poder do Estado.³⁴ Os cristãos querem que sua situação seja reconhecida como igual a dos demais cidadãos.

³⁰ *De sancta simplicitate*, III; PL 145, 697B. Para ele, o primeiro professor de gramática foi o diabo.

³¹ Col 2,8. Paulo diz: “Cuidai de que ninguém vos leve, novamente, à escravidão com filosofias vãs e falazes, fundadas em tradições humanas e não em Cristo”.

³² Chamam-se “epicureus” os seguidores de Epicuro (341-270 a.C.), que fundou em Atenas um “Jardim”, uma escola que estabelecia como critério da moral as sensações e, como princípio da felicidade, os prazeres delas decorrentes.

³³ Os estoicos são os seguidores de Zenão (século IV a.C.). Para os estoicos, o sábio deve abster-se da paixão, permanecer insensível.

³⁴ VERWEYEN, Hansjürgen. *Philosophie und Theologie: Vom Mythos zum Logos, zum Mythos*. Darmstadt: WBG, 2005, p. 130.

Justino, antes de sua conversão, era filósofo platônico e manteve seu status de filósofo.

Do ponto de vista do conteúdo, as doutrinas filosóficas foram escolhidas segundo critérios de concordância e de proveito para a doutrina cristã. Orígenes, por vezes, teve que justificar-se. Às vezes os limites entre filosofia e teologia são tênues. O *logos* foi assumido na filosofia grega e no Evangelho de São João.³⁵

A partir do século IX, com a querela entre “dialéticos” e “antidialéticos”, a filosofia passa a desenvolver-se cada vez mais desvinculada da experiência cristã, e, por sua vez, a teologia passa a dar-se a si mesma o estatuto de ciência. A filosofia é vista como um degrau para chegar à teologia, de acordo com a fórmula *philosophia ancilla theologiae*. A razão filosófica, como razão profana, ignora os mistérios da fé, e, por isso, interessa apenas enquanto presta serviços à inteligência da fé, não em si mesma. Tomás de Aquino, contudo, afirma: “Deve-se dizer que, em si, o estudo da filosofia é lícito e louvável, em razão da verdade que os filósofos encontraram por revelação divina, como diz a *Carta aos Romanos*”.³⁶ Mas, o teólogo não recorre à filosofia por ela mesma. Existe, pois, uma relação de subordinação. Isso permite à teologia dar ordens à filosofia.³⁷

Toda a tentativa de subordinar a filosofia à teologia, por a primeira ignorar tudo o que se sabe, através da revelação, no elemento da fé, não conseguiu impedir que o aristotelismo, puramente filosófico, se desenvolvesse entre os mestres em Artes na universidade de Paris, como foi o caso de Siger de Brabante (1240-1284) e de Boécio de Dácia (480-524). Estes reclamaram uma legítima independência da razão filosófica. Desde fins do século XIII, surge, então, um distanciamento entre filosofia e teologia. As filosofias se organizam, no século de Guilherme Ockham (1280-1350)³⁸ e depois dele, não permitindo que seu papel seja reduzido a cumprir as funções que a teologia lhe atribui, reconquistando sua autonomia. A partir do século XIV, a filosofia é praticada, cada vez mais, como ciência autônoma. Jean-Yves Lacoste, no verbete “filosofia” do *Dicionário crítico de teologia*, afirma que “nunca mais se compreenderá

³⁵ GÖRGEMANNS, H. Philosophie. In: RITTER, J. E GRÜNDER, K. *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. v. 7. Basel: Swabe & Co. AG, 1989, p. 615-623.

³⁶ TOMÁS DE AQUINO, *S. Th.* II-II, q. 167, a. 1 ad 3.

³⁷ TOMÁS DE AQUINO, *In Sent.* I d. 1, q. 1 a. 1.

³⁸ Ockham tentou conciliar a filosofia aristotélica com o mais genuíno pensamento franciscano.

a si mesma como uma ciência auxiliar da teologia” (p. 745). A teologia não exerce mais poder sobre a filosofia, mas pode ser um parceiro de diálogo. As filosofias modernas constituem um dos principais motores na evolução da teologia, que continua a recorrer à filosofia, em busca de conceitos e armações teóricas.

A universidade medieval propunha um currículo orgânico, culminando no estudo da teologia, a qual reinava sobre as ciências. Isso se explica porque a teologia medieval, no tempo da grande escolástica, distinguia-se por uma grande efervescência de criatividade racional. Dessarte a história da Idade Média é, em grande parte, uma história de ideias teológicas. Depois que as ciências se separam da filosofia num pluralismo de saberes, a teologia se ausentou dos debates mais importantes (heliocentrismo, evolucionismo, etc.) que agitaram o mundo intelectual, fechando-se às novas ideias.

3 A relação entre filosofia e teologia na Idade Média

Vimos que, na patrística, o conceito de filosofia foi ampliado, para além do sentido costumeiro, no sentido de doutrina cristã e de conduta de vida. Esta dupla ampliação tem antecedentes, ou seja, sua raiz é anterior à filosofia platônica, quando ainda se prescindia da precisão acadêmica, e, na Idade Média, está na base da discussão entre “dialéticos”³⁹ e “antidialéticos” e, posteriormente, entre teologia acadêmica e teologia mística. Mas quanto mais abrangente for um conceito, tanto mais impreciso e vago se torna.

A filosofia gozava de prestígio na sociedade antiga e exercia influência junto aos cristãos e judeus. Segundo a tradição dos gregos, a sabedoria de povos estrangeiros, sobretudo a de tipo religioso, era chamada filosofia. Judeus e cristãos reivindicavam o reconhecimento de igualdade de direitos, mas distinguiam a “filosofia pagã” da “nossa filosofia” ou da “verdadeira filosofia”. Com isso, por vezes, o termo filosofia torna-se sinônimo de cristianismo. Mas, esse sentido não foi assumido no discurso usual da Igreja. Teólogos como Santo Atanásio até evitavam o uso do termo. Os que o usam atribuem-lhe um conteúdo de

³⁹ Por *dialéticos* entendem-se alguns filósofos da escolástica nascente (século X e XI), que se basearam na dialética, no sentido de domínio do silogismo, caindo num racionalismo tão exagerado na interpretação da revelação que comprometiam os mistérios da fé. Contra eles, reagiram os *antidialéticos*, defendendo a ideia de que “a filosofia é serva da teologia”. Entre os últimos, situa-se Pedro Damiano (1007-1072).

acordo com sua concepção do ideal cristão. Ocasionalmente também os pagãos designavam o cristianismo de filosofia, é claro, uma entre outras. Desde o século III, a arte até passou a representar, por vezes, Jesus e os apóstolos e outros mestres cristãos como filósofos.

Os autores da patrística latina, antes de Agostinho, muitas vezes manifestam rejeição à filosofia, mas fazem uso de seus conceitos, métodos filosóficos e doutrinas convenientes. Tertuliano rejeita a ideia de que o cristianismo seja uma espécie de filosofia.

As principais objeções de cristãos ocidentais contra a filosofia são: ela é inútil e enganadora porque não encontra a verdade salvífica e, por isso, não pode conduzir os homens à sabedoria; engana porque se alimenta do erro e, sob a aparência de oferecer verdade e sabedoria, conduz ao erro; perigosa porque leva a especulações inúteis como mostram o gnosticismo e outras heresias. Para alguns cristãos, que rejeitam a filosofia, os filósofos são considerados os “patriarcas da heresia”.⁴⁰ Concede-se, entretanto, que em algumas escolas de filosofia e em alguns filósofos se encontram verdades parciais, pois o homem não pode chegar por si mesmo, ou seja, por sua razão natural, à verdade. Para tal, necessita da revelação divina. Com certa hesitação, oposições e transformações, a fé cristã assumiu, aos poucos, o conceito de teologia, oriundo da filosofia grega, no sentido de estudo especulativo da revelação e da fé, separando-a do conceito tradicional de filosofia.

Os padres da Igreja pressupõem a revelação divina como fonte e critério de verdade. Como seguidores de uma religião baseada na revelação de Deus, com uma doutrina salvífica, os cristãos sentem-se de posse da verdade plena. Com isso até podem sentir-se superiores a toda filosofia. Nesse sentido, é célebre a formulação de Tertuliano:

O que, pois, têm em comum o filósofo e o cristão, o discípulo da Grécia e o do céu, o que busca sua fama e aquele que busca sua salvação, o que age com palavras e o que age com obras, o amigo e o inimigo do erro, o falsificador da verdade e seu defensor, seu ladrão e seu guarda?⁴¹

A filosofia, nesse caso, é vista como concorrente do cristianismo e, por isso, combatida. Mas a busca do *intellectus fidei* implica um

⁴⁰ TERTULIANO, *De anima*, 3,1.

⁴¹ TERTULIANO, *Apologia*, 47,1-8.

pensar filosófico, pois a teologia resulta da atividade da razão e da fé. Essa conjugação entre natureza racional do homem e revelação divina, nem sempre foi percebida por todos os pensadores cristãos. Mas, ao contrário de Tertuliano, Minucius Felix (século II-III), preocupado com o bom nome dos cristãos junto aos homens mais cultos, salienta as concordâncias entre a doutrina sobre o Deus dos cristãos e a dos filósofos, de “modo a se poder pensar que os cristãos de hoje são filósofos ou que os filósofos de ontem eram cristãos”.⁴² Mas, ele atribui essa concordância ao furto de um bem cristão pelos filósofos pagãos.⁴³ Os bispos Hilário (300-368) e Ambrósio (335-397), no final do século IV, acentuam a oposição fundamental entre sabedoria divina e filosofia, reconhecendo prioridade à Bíblia e à autoridade da revelação e da fé.

Para Agostinho, admirador de Ambrósio,⁴⁴ a filosofia é essencialmente “amor” ou *studium sapientiae*. Com 19 anos de idade, ele já lera a obra *Hortensius*, de Cícero, que o motivou a buscar a sabedoria. Na sua leitura, apenas sentira falta do nome de Jesus Cristo. Identificou, por isso, sabedoria com Jesus Cristo. Essa identificação, mais tarde, levou-o a elaborar uma concepção do cristianismo que seria, simultaneamente, a doutrina da felicidade que se alcança, através da sabedoria e através do modo ascético e contemplativo de viver e, por isso, a plenitude do ideal filosófico. Evidentemente, o cristão deveria ir para além dos filósofos, mesmo lá onde afirmam algo verdadeiro sobre a criação.⁴⁵

Talvez Agostinho acreditasse ter atingido a meta de sua busca ao identificar a sapiência do *Hortêncio* de Cícero, o *intellectus* dos livros dos platônicos com a Palavra do prólogo do *Evangelho de São João* e a pessoa de Jesus Cristo.⁴⁶ Dessa maneira encontrou o princípio que dá unidade à sua doutrina: Cristo. Isso também lhe permitiu discernir entre as diferentes orientações filosóficas, rejeitando a filosofia deste mundo, como no caso do materialismo epicureu e estoico, e aceitando a filosofia

⁴² MINUCIUS FELIX, *Oct.* 34,6-8.

⁴³ *Ibidem*, 34,5.

⁴⁴ AGOSTINHO, *Confissões*, V, 13. Referindo-se a Ambrósio diz: “Esse homem de Deus acolheu-me, paternalmente, e ficou feliz com a minha chegada, na bondade digna de um bispo”.

⁴⁵ AGOSTINHO, *Confissões*, III, 6,11. Em III, 6,10 Agostinho afirma: “Quão longe estás de minhas fantasias de então”. E em 6,11 conclui: “Tu estavas mais dentro de mim do que a minha parte mais íntima. E eras superior a tudo o que eu tinha de mais elevado”.

⁴⁶ AGOSTINHO, *Confissões*, VII, 9,13ss.

do mundo inteligível, da “única filosofia verdadeira” .⁴⁷ No *De beata vita*, Agostinho já afirma ter começado a comparar o platonismo com o cristianismo.⁴⁸

Para entender a concepção de Agostinho sobre a filosofia, é importante o tratado sobre a verdadeira religião, escrito em 390. Nele aponta as contradições que caracterizam o platonismo entre sua consistente doutrina sobre Deus e sua acomodação à idolatria, entre seu monismo teórico e seu politeísmo prático.⁴⁹ O cristianismo, segundo ele, restabelece a concordância entre teoria e prática, garantindo a identidade de filosofia e religião.⁵⁰

A partir do século XIII, começa a existir, propriamente, a oposição entre filosofia e teologia, pois somente agora se precisou um conceito de teologia, no sentido de uma teologia da revelação e da fé. Guilherme de Auxerre (século XIII) fundamenta a teologia como ciência de rigor e concebe os artigos da fé como princípios autoevidentes do teólogo crente e afirma a distinção entre filosofia e teologia. Isso dá à velha fórmula *philosophia est ancilla theologiae* uma estrutura complexa à relação entre filosofia e teologia que, de maneiras diferentes, se baseiam na razão natural e na fé. Segundo Auxerre,

[...] em Aristóteles, o argumento fundamenta uma dúvida que gera a fé; para o cristão, a fé é a prova que produz a visão do intelecto. Ao mesmo tempo, para ele, a filosofia está vinculada estreitamente à fé enquanto “o dom da ciência”, necessário para a defesa da fé, pressupõe tudo o que é necessário para provar o que pertence à fé ou à moral. Por isso o dom da ciência não se limita ao que está escrito nos livros de teologia, mas também inclui o que está escrito em toda filosofia.⁵¹

Roberto Grosseteste (1170-1253) distingue, pela primeira vez, com clareza, filosofia e teologia em vista do objeto. Afirma que Cristo é o objeto próprio da teologia. Este não é evidente para a razão natural ou

⁴⁷ AGOSTINHO, *Contra-acadêmicos*, III, 19.

⁴⁸ AGOSTINHO, *De beata vita*, 1,4. Diz: “Li, entrementes, algumas poucas obras de Platão, pelo qual tu te sentes fortemente atraído. Confrontava, quando podia, o valor de tais opiniões, com a autoridade dos livros que nos transmitem os divinos mistérios”.

⁴⁹ AGOSTINHO, *De vera religione*, 2,2.

⁵⁰ *Ibidem*, 5,8. Diz Agostinho: “Isso porque se crê e se ensina como fundamento da salvação humana que estejam concordes: a filosofia – isto é, a procura da sabedoria – e a religião”.

⁵¹ GUILHERME DE AUXERRE, *Summa aurea*, III, 33,2.

para a filosofia e é inacessível pela ciência, mas somente pode ser aceito na fé. Essa distinção reconhece a competência da filosofia no seu campo e também salienta a falibilidade dos teólogos. Segundo Grosseteste, no campo da filosofia natural, nas coisas não necessárias para a salvação, os mais célebres teólogos podem ter errado. Apesar dessa separação entre filosofia e teologia, defende uma colaboração entre ambas. Também a teologia enriqueceu a filosofia e a teologia não teria como se defender, contra a crítica e as heresias, sem os meios da filosofia, pois não saberia dar as razões de sua fé a quem as solicitar.⁵²

Como não é possível analisar todas as diferentes posições antigas e medievais a respeito de nossa questão, limitar-nos-emos às duas medievais, historicamente mais relevantes: a dos franciscanos e a dos dominicanos.

a) A partir de meados do século XIII, instaurou-se a distinção entre “teologia filosófica” e “teologia da revelação” e sua respectiva fundamentação. Entre os franciscanos do século XIII, percebe-se uma doutrina mais ou menos unânime. A filosofia é vista como parte integrante da teologia. Segundo Alexandre de Hales (1170-1245), a teologia da revelação e a filosofia assemelham-se, enquanto ambas são filosofia primeira, pois ambas são um conhecimento sobre as últimas causas. Como um tal saber, que transcende as outras ciências, ambas merecem o nome de sabedoria. Mas a teologia da fé é o conhecimento mais perfeito em relação à filosofia primeira, que ele também chama de “teologia dos filósofos”, pois a teologia da revelação é um saber não só especulativo, mas também afetivo. Ambas se complementam, pois a teologia filosófica é um momento da verdadeira teologia.

Boaventura, aluno de Alexandre, desenvolve melhor o conceito franciscano de filosofia. O pensamento de Boaventura situa-se, por um lado, na tradição platônico-agostiniana e, por outro, na linha do espírito franciscano. Vê em Platão o discurso da sabedoria e, em Aristóteles, o da ciência. Mas o ápice da sabedoria encontra-se na Sagrada Escritura, revelada por Deus. Segundo ele, a filosofia é “o conhecimento certo da verdade, enquanto é investigável”.⁵³ Boaventura refere-se à investigação das causas interiores e ocultas das coisas, “com ajuda dos princípios e da verdade natural que por natureza é dada ao homem”.⁵⁴ Quando o saber

⁵² ROBERT GROSSETESTE, *De artibus liberalibus*, 1,8; 4,25. Cf. *IPd* 3,15.

⁵³ BOAVENTURA, *Coll. De septem donis Spiritus Sancti*, IV, 5.

⁵⁴ BOAVENTURA, *De reductione artium ad theologiam*, 4.

filosófico é integrado no horizonte abrangente do saber da fé, ele é muito útil e irrenunciável. Mas deve ser transcendido, pois a teologia começa onde termina a metafísica.⁵⁵ Segundo Boaventura, tanto a história particular como a geral demonstram que a razão humana, abandonada aos seus próprios recursos, é incapaz de conduzir o homem ao fim sobrenatural, a que por graça é destinado. Por isso não se pode praticar uma filosofia separada da teologia. Embora, formalmente, filosofia, teologia e mística sejam distintas, para Boaventura, constituem a unidade da sabedoria cristã. O saber filosófico é um saber a caminho das outras ciências. Quem se restringe a ela cai num abismo de trevas, pois o saber filosófico não é absoluto. O puro saber filosófico é insuficiente para alcançar, por si mesmo, a verdade plena. Para tanto, o homem precisa da luz da fé. Neste ponto, a filosofia cristã supera o impasse. Quem olha pela teologia iluminada pela luz da fé vê mais do que vê a razão natural. A filosofia autônoma, separada da fé, é incompleta, pois a verdadeira filosofia é uma reflexão da razão guiada pela fé. A teologia, fundada na fé e na revelação, vê as coisas na sua maneira de ser, graciosa e gloriosa, à luz da redenção. Nessa perspectiva, os filósofos não cristãos sabiam coisas verdadeiras sobre Deus, mas também erraram muito porque lhes faltava a fé. Para Boaventura, o saber teológico sempre é de natureza teórica e prática. Mas quem ama a Sagrada Escritura também ama a filosofia para, através dela, fortalecer a fé.⁵⁶

Para São Boaventura, todo o conhecimento tem sua fonte numa iluminação divina. Concebe a teologia como uma elaboração racional da fé, baseada na revelação. Seus argumentos se resolvem em Deus, o princípio primeiro e supremo.

b) A posição dos dominicanos, influenciada diretamente pelo aristotelismo, é diferenciada. Na escola dominicana, filosofia e teologia concordam no sentido de ambas terem que partir de determinados princípios. A diferença diz respeito ao caráter dos princípios: princípio da razão ou princípio da fé e revelação. Os princípios teológicos são revelados, os da filosofia são da razão natural. Quanto ao objeto, tudo que é objeto da filosofia (metafísica) pode ser objeto da teologia, mas o modo é diferente. A teologia também trata das coisas da natureza, mas na perspectiva à luz da fé e da revelação. Enquanto a teologia

⁵⁵ BOAVENTURA, *Breviloquium*, I, 1.

⁵⁶ BOAVENTURA, *Sermones de tempo*, 9,63.

recorre, legitimamente, a imagens e figuras em seu discurso, as ciências filosóficas errariam se fizessem o mesmo.⁵⁷

O dominicano Alberto Magno (1193-1280) vê a relação entre filosofia e teologia de maneira complementar. Segundo ele, a visão filosófica e o conceito de Deus são o resultado do conhecimento natural do homem, enquanto a visão teológica é possibilitada por uma luz infusa e somente se completa no além. Sua doutrina sistemática sobre a diferença entre filosofia e teologia encontra-se no *Comentário das Sentenças* e na *Summa Theologiae*.

Em muitas coisas Tomás de Aquino concorda com seu mestre Alberto Magno. Mas, segundo ele, a filosofia não mais se pode definir com o conceito de “artes liberais”, pois disciplinas como Física e Metafísica não são arte por não estarem ordenadas para uma obra material ou espiritual. Para o Aquinate, são simples ciências. Da mesma maneira, a lógica e a gramática integram a filosofia.

Segundo Tomás de Aquino, a filosofia, na forma de teologia filosófica, proporciona a felicidade da vida, mas difere da teologia da revelação, cuja necessidade se fundamenta na limitação da natureza humana.⁵⁸ Enquanto a filosofia, pela multiplicidade de seus objetos, consta de muitas disciplinas; a teologia é, essencialmente, uma, pois considera todas as coisas sob o único aspecto da *revelabilitas*. O que ainda distingue, essencialmente, filosofia e teologia como ciências é o método. Segundo o *Comentário das Sentenças*, a filosofia como metafísica estuda as últimas causas do ser, enquanto podem ser conhecidas no ser criado, a teologia, habilitada pela inspiração divina, contempla essas causas segundo às próprias causas.

Tomás fundamenta a distinção entre o campo da filosofia e o da teologia, na diferença entre ordem natural e sobrenatural. Segundo ele, são duas ordens distintas, mas não contraditórias, pois completam-se em harmonia. Dessa distinção deriva uma dupla ordem de conhecimento: a) *natural*, ou seja, resultado da atividade da inteligência e razão. Este é o campo da filosofia, com suas leis e seus métodos próprios, que lhe conferem caráter de verdadeira ciência. b) *sobrenatural* que parte da

⁵⁷ ALBERTO MAGNO, *Summa Theologiae*, I, 1.q.5 c.1.

⁵⁸ TOMÁS DE AQUINO, *S. th.* q.I, a.1, ad 1. Diz Tomás: “Era necessário existir para a salvação do homem, além das disciplinas filosóficas, que são pesquisadas pela razão humana, uma doutrina fundada na revelação divina”. Trata de coisas que ultrapassam sua razão.

revelação divina,⁵⁹ aceita pelo crente na fé, e permite-nos acesso a verdades que, não raro, transcendem os limites de nossa razão. Ambos os conhecimentos, o da razão e o da fé, provêm da mesma fonte que é Deus. Por isso não podem contradizer-se.

Como se relacionam, para o Aquinate, o natural e o sobrenatural? Na sua ordem, a revelação é completa; a filosofia, na sua ordem, é autônoma nos procedimentos racionais. Mas ambas podem beneficiar-se através da colaboração mútua. O sujeito que crê é, também, o sujeito que pensa. A teologia toma seus princípios da revelação e da fé e são indemonstráveis. A filosofia não tem a função de explicar o inexplicável. A certeza da teologia fundamenta-se na autoridade de Deus e diz respeito à salvação do homem. A filosofia, por sua vez, parte da razão, procede racionalmente, enriquece a demonstração com dados científicos que não se encontram na revelação. Tudo isso serve à teologia para explicar, penetrar e aprofundar a compreensão dos dados que a fé proporciona:

A doutrina sagrada também usa a razão humana, não para provar a fé, o que lhe tiraria o mérito, mas para iluminar alguns outros pontos que esta doutrina ensina. Como a graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa, convém que a razão natural sirva à fé, assim como a inclinação natural da vontade obedece à caridade.⁶⁰

Assim, pois, segundo Tomás de Aquino, a razão exerce funções importantes na teologia: a) formula racional e rigorosamente os *preambula fidei* (existência de Deus, etc.); b) declara e explica os artigos da fé para tornar os mistérios inteligíveis; c) deduz conclusões dos artigos de fé, de acordo com as regras da dialética, de uma premissa maior da fé e uma menor da razão; d) ordena e sistematiza; e) defende as verdades da fé, mostrando que os argumentos contrários não são conclusivos à luz da pura razão.

⁵⁹ Tomás responde a pergunta “A teologia é uma ciência?”, dizendo: “A doutrina sagrada é ciência. Mas, existem dois tipos de ciência. Algumas procedem de princípios que são conhecidos à luz natural do intelecto, como a aritmética, a geometria, etc. Outras procedem de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior, tais como a perspectiva, que se apoia nos princípios tomados à geometria [...]. É desse modo que a doutrina sagrada é ciência; ela procede de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior, a saber, da ciência de Deus e dos bem-aventurados” (*S. th.* q. 1, a. 2). “Tais são os princípios da doutrina sagrada” (*S. th.* q. 1, a. 2, ad 1).

⁶⁰ *S. th.* q. 1, a. 8, ad 2.

O Aquinate levantou a questão da teologia como ciência, baseando-se no conceito aristotélico de ciência e aplicando-o à teologia. Ora, segundo Aristóteles, a ciência é o conhecimento da essência universal das coisas e de suas causas. Tal conhecimento estabelece relações lógicas, em forma de demonstração por dedução e conclusões lógicas, cujo fundamento último são os princípios supremos do ser e do pensamento, e as causas primeiras não são demonstráveis, mas são evidentes pela própria inteligibilidade. Portanto, princípios e conclusões estruturam o conceito aristotélico de ciência.

Ora, se quisermos aplicar o conceito aristotélico de ciência à teologia,⁶¹ esta como ciência da fé, não é ciência, pois crer significa ter convicção daquilo que não se vê.⁶² Para resolver esta aporia, Tomás recorre à ideia de uma *scientia subalternata*, ou seja, uma ciência que recebe seus princípios de outra e, por isso, a ela subordinada. Para ele, a teologia deve seus princípios à sabedoria de Deus e dos santos, e os recebe pela fé. A teologia está para a fé como a conclusão está para o princípio.

Outra aporia é que a ciência, segundo Aristóteles, tem como objeto a essência universal da coisa, mas a teologia trata do particular, do singular e do histórico. Tomás supera essa dificuldade sem, todavia, convencer, dizendo que o singular se apresenta como portador de um universal. Mas, segundo o conceito moderno, ciência não é somente conhecimento das coisas como devem ser, mas conhecimento das coisas como são ou como podem ser, incluindo a dimensão histórica.

Mais tarde, Tomás de Aquino diz que a filosofia humana contempla as coisas criadas como tais, enquanto a teologia as olha como representantes da grandeza divina e relacionadas com Deus. Por isso o conhecimento filosófico começa com o mundo criado e se completa no conhecimento de Deus; enquanto, a teologia começa com a contemplação da essência de Deus e, depois, passa ao conhecimento das criaturas. Embora a filosofia seja inferior à teologia, é uma ciência autônoma por ser capaz de um conhecimento verdadeiro: “O estudo da filosofia em si é permitido e louvável por causa da verdade que os

⁶¹ TOMÁS DE AQUINO, *S. th.*, q.I, a.1, ad 2. Tomás afirma “que a diversidade de razões no conhecer determina a diversidade das ciências [...]. A teologia, portanto, que pertence à doutrina sagrada, difere, em gênero, daquela que é considerada parte da filosofia”.

⁶² Cf. *Hb* 11,1. Diz o texto: “A fé é o fundamento do que se espera e a convicção das realidades que não se veem”.

filósofos captaram”.⁶³ Nesse sentido, a teologia da revelação também pode acolher algo da filosofia para esclarecer melhor seus próprios conteúdos, e dessa maneira, servir-se dela. Segundo Tomás, a teologia da revelação não elimina a teologia filosófica, mas a reconhece como parceira, de certo modo a pressupõe e completa, dando-lhe o verdadeiro sentido, pois “a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa”.

O conceito aristotélico de ciência contribuiu para que a teologia, na Idade Média decadente, se afastasse da fé e da revelação divina, como testemunhada nas Sagradas Escrituras, perdendo-se em especulações filosóficas abstratas. Com isso, por um lado, provocou a oposição entre teologia acadêmica e teologia mística e, por outro, criou as condições para a Reforma e a consequente divisão do cristianismo ocidental até nossos dias.

Já na patrística, quando a teologia busca uma melhor compreensão da Bíblia, recorre à alegorese, um procedimento em uso na filosofia. Para argumentação teológica, desenvolve-se, lado a lado, a prova da Escritura e a da razão. No contexto da apologética, muitas vezes, recorre-se à autoridade de filósofos, embora evitando colocar a autoridade da filosofia acima da teologia cristã. Mas, como sujeito crente, o homem é um ser racional, que naturalmente busca as razões de sua fé ou, então, se fecha à realidade pelo fideísmo ou fundamentalismo, fugindo à responsabilidade perante a razão, que Deus lhe deu para ser usada.

Conclusão

A teologia teve que percorrer um longo caminho antes de ser acolhida, de modo explícito e reflexo, no horizonte da fé cristã e da revelação. Ela legitima-se na alta Idade Média como *scientia fidei*, fundamentada sobre a natureza racional do homem e sobre a automanifestação de Deus, no testemunho da Sagrada Escritura, pois ela é obra da razão e da fé. Quando a teologia, como pergunta nascida no coração da própria fé, deixa de filosofar, ela facilmente cai num biblicismo fundamentalista ou num positivismo dogmático. Talvez, a atual crise da metafísica grega possa oportunizar à teologia cristã um estudo mais criativo do encontro histórico entre a revelação judeu-cristã e o pensamento filosófico e científico contemporâneo.

⁶³ TOMÁS DE AQUINO, *S. th.*, II-II, q.167, a.1 ad 3.

A fé inclui a capacidade de compreender e conhecer o que Deus revela ao homem, ou seja, inere à *fides quaerens intellectum* e, por isso, *credo ut intelligam*, ou seja, para crer o homem não precisa nem deve renunciar à sua razão. Nesse sentido, o *intellectus fidei* implica a filosofia, não necessariamente a platônica ou a aristotélica, a da patrística ou a medieval, do Ocidente ou do Oriente, na função hermenêutica e maiêutica. Historicamente, apenas o platonismo e o aristotelismo foram assumidos amplamente. Mas isso não significa que outras filosofias não possam ser assumidas na elaboração teológica, desde que a especulação não se desvincule da fé e da revelação, pois a teologia cristã sempre resultará da atividade da razão e da fé. É verdade que o velho problema da *fides et ratio*, atualmente, também se formula, de maneira nova, como questão da “fé e da ciência”, da relação entre conhecimento científico e conhecimento da fé. Por isso a filosofia, hoje, não pode ser a única interlocutora da teologia. Ela também deve considerar os resultados das ciências. Do contrário, expõe-se ao risco de um isolamento cultural, cada vez maior, refugiando-se no conhecimento pré-científico e pré-crítico do homem e da sociedade. A teologia trata da experiência de Deus, de nossa experiência de Deus enquanto membros de uma comunidade de fé. É o esforço de reflexão sistemática e científica, para compreender e interpretar a experiência de fé de uma comunidade e expressar essa experiência em linguagem compreensível em seu contexto histórico-cultural concreto.

Referências

- AGOSTINHO. *Confissões*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1997 (Col. Patrística).
_____. *Solilóquios e a vida feliz*. São Paulo: Paulus, 1998 (Col. Patrística).
_____. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulus, 2002 (Col. Patrística).
ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2001. 3v.
EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000. (Col. Patrística).
FRIES, H. (Org.). *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Loyola, 1971. v. 5.
JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*. São Paulo: Paulus, 1998.
JUSTINO DE ROMA. I e II *Apologias* – Diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995. (Col. Patrística).

LACOSTE, Jean-Yves (Org.). *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Loyola e Paulinas, 2004.

MIGNE, Jacques Paul (Org.). *Patrologiae Cursus Completus*. Séries Latina. Paris: Carnier Frates, 1878-1891, 221v. (Col. Patrística Latina: PL).

_____. *Patrologiae Cursus Completus*. Séries Graeca. Paris: J.P. Migne, 1858-1889, 161v. (Col. Patrística Grega: PG).

ORÍGINES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004. (Col. Patrística).

PLATÃO. *A república*. 5. ed. Lisboa Colouste Gulbenkian, 1987.

RITTER, J. e GRÜNDER, K. (Org.). *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Basel: Schwabe & Co. AG, 1989. 12v.

SANTO ANSELMO. *Monólogo; Proslógio; A verdade; O gramático*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

SÃO BOAVENTURA. *Obras de San Buenaventura*. Madri: BAC, 1945-1949. 6v. [Bilíngue: latim e espanhol].

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2001-2006. 9v.

VERWEYEN, Hansjürgen. *Philosophie und Theologie: Vom Mythos zum Logos, zum Mythos*. Darmstadt: WBG, 2005.

ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. *Desafios atuais para a teologia*. São Paulo: Paulus, 2011.

Recebido: 10/12/2012

Avaliado: 15/12/2012